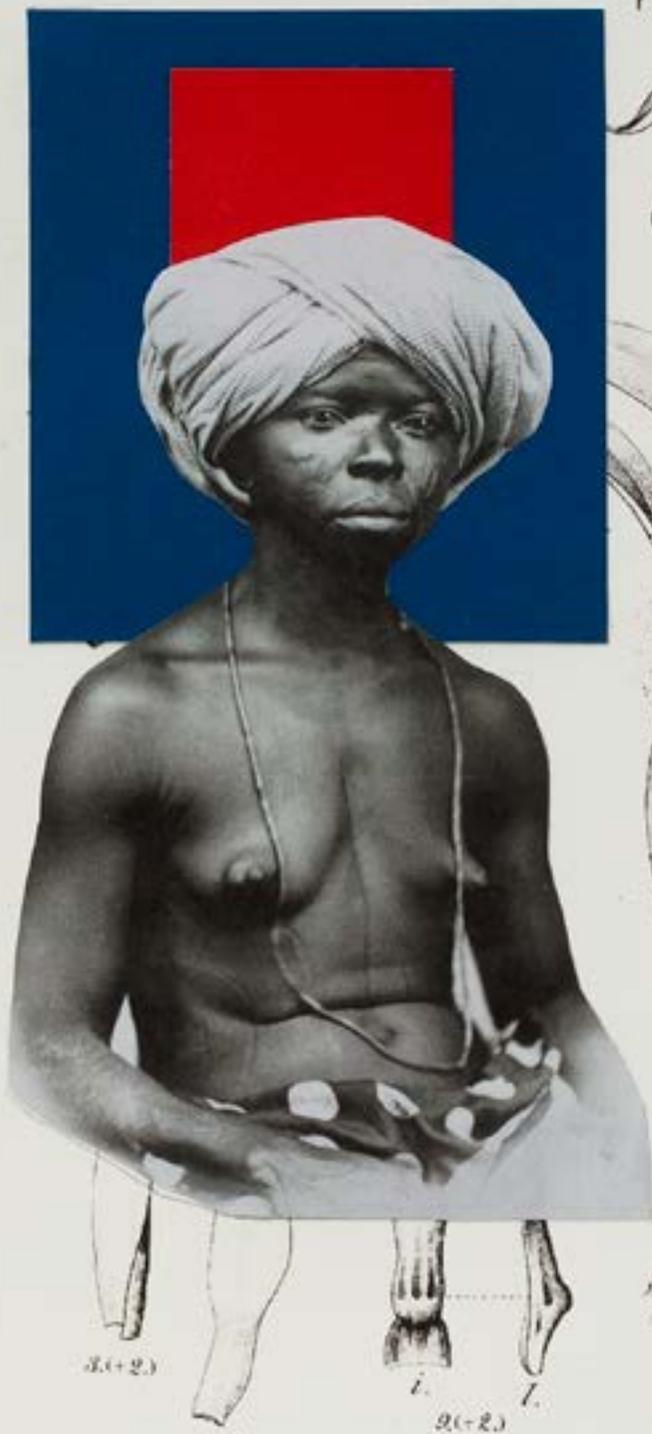


Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam
BB DTVM apresenta e patrocina

Para saber mais

Convite à Ativação / Brasilidade Pós Modernismo

CCBB Educativo
arte&educação



3.(+2.)

2.(+2.)

6.(+4.)

9.(+11.)

11.(+10.)

Olá!

Esta publicação acompanha o Convite à Ativação da mostra “Brasilidade Pós Modernismo – Arte Contemporânea Brasileira pós Semana de 22”, que celebra o centenário de um grande evento cultural que marcou a história da arte brasileira. De lá para cá, como você deve saber ou então imaginar, vivemos também outros acontecimentos importantes para orientar os múltiplos caminhos desde então percorridos pelos artistas do país.

Aqui apresentamos uma linha do tempo em que a Semana de 22 é encarada como um dentre outros pontos de nossa história que contribuíram de modo decisivo para construirmos a cena contemporânea a que testemunhamos hoje em dia.

Neste sobrevôo em torno da história da arte em nosso país, buscamos uma visão panorâmica que possibilite diferentes aproximações e inspirações para futuras pesquisas.

Desfrute!

O que podemos aprender com a arte contemporânea?

Muitas vezes contestadores, os artistas contemporâneos reformulam problemas e reparam lacunas históricas, nos ajudam a aprender e muitas vezes a desaprender. A partir dos trabalhos desses e dessas artistas, podemos perceber o mundo sob outros ângulos, alcançar o avesso das histórias oficiais e abrir, em companhia da arte, diálogos que ainda estão por vir.

A arte, afinal, pode ser o lugar da dúvida que nos movimenta e nos mobiliza a pensar nossos repertórios pessoais, assim como a revisitar nossos cotidianos e nosso potencial de criação e significação do mundo.

**Como se funda
a cultura de
um país?**

**É possível
pensar em um
acontecimento
que marca esse
momento?**

Podem existir muitas respostas para essas complexas perguntas, mas o caso brasileiro é um exemplo interessante de como esse movimento de fundação cultural pode ser fluido, inovador e capaz de realizar grandes mudanças na forma como entendemos um país.

Desde que a colonização portuguesa teve início no Brasil, tornou-se comum que as imagens produzidas sobre nós e sobre nossa identidade fossem feitas a partir de modelos importados da Europa. As formas de nos retratar, de construir nossas cidades, de produzir literatura e música, de escrever versões de nossa história: tudo isso seguia padrões europeus. Com o passar do tempo, entretanto, esses padrões passaram a ser questionados por artistas de todas as partes do país.

Sim, nós temos vanguardas!

A esse respeito, podemos citar como exemplos o Movimento Armorial, liderado por Ariano Suassuna no Nordeste brasileiro dos anos 1970, o Tropicalismo que reuniu Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes e Tom Zé no fim dos anos 1960, o Neoconcretismo de Ferreira Gullar, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape na década de 1950 e até mesmo o Mangue Beat de Chico Science e Nação Zumbi nos anos 1990. Podemos falar ainda das diversas revisões pelas quais a pintura brasileira passa na década de 1980, do hip hop, do funk e do passinho.

Esses, entre muitos outros, são momentos da história de nossa cultura em que pessoas, com interesses, visões e projetos parecidos, encontram nessas afinidades uma oportunidade para olhar em direção ao passado e ao presente e, a partir daí, imaginar futuros possíveis, costurados por formas de se expressar e devolver ao mundo olhares que denunciam – e ultrapassam – os limites das grandes narrativas.

Arte e imaginação

Esses momentos em que nos repensamos, em que olhamos para nós mesmos com dúvida e espanto, não são, decerto, momentos definitivos. Tampouco constituem um ponto final, um espelho que oferece uma imagem conclusiva do que somos. Talvez, por outro lado, sejam momentos em que imaginamos o que queremos e o que poderíamos ser.

Desde a sua origem como nação, o Brasil sempre esteve repleto desses momentos, que não raro se transformaram em movimentos. Surgidos em diferentes localidades e temporalidades, esses movimentos buscavam compreender como dar voz e forma ao desejo de romper, de criar algo que fosse novo, mesmo que temporariamente.

Mas o que significa, exatamente, esse gesto que questiona o que já conhecemos sobre nós mesmos? Para quê e para quem serve esse gesto? A que ele responde e o que ele pode nos ensinar?

Momentos de transição

Uma das palavras que podem nos ajudar a responder a essas perguntas é “transição”. Apesar de sua diversidade, esses movimentos são sempre impulsionados por uma profunda vontade de mudança, geralmente motivada por um certo desajuste entre os ideais de uma época e a vida como ela é. Nesse sentido, podemos destacar, por exemplo, a transição de uma arte brasileira essencialmente acadêmica ao longo do século XIX até o que se convencionou chamar de Modernismo Brasileiro – transição marcada pelo acontecimento da Semana de 22.

Transições e Coletividades: O Moderno Antes da Semana de 22

As instituições artísticas brasileiras foram fundadas quando a corte portuguesa se mudou para o Brasil, fugindo da invasão de Napoleão na península ibérica. D. João VI aportou no Brasil em 1808, e em 1816 chegou ao país a notória Missão Francesa: um grupo de artistas franceses cujo objetivo era fundar em solo brasileiro a primeira Academia Imperial de Belas Artes.

Não por acaso, essa iniciativa provoca mudanças profundas na história das artes plásticas em território brasileiro, quando comparamos ao que acontecia nos séculos anteriores. A partir desse momento, afinal, os artistas adquirem mais liberdade, desviando-se da figura tradicional do artista-artesão, até então limitado às temáticas encomendadas pela Igreja.

Iniciada nas primeiras décadas do século XIX, a influência da Missão Francesa se fez sentir por muito tempo em nosso território, caracterizando-se pela busca de uma arte fundada na beleza e na harmonia das formas, assim como em temas históricos, batalhas e retratos.

Dentre os diversos nomes que chegaram ao Brasil naquele contexto, os franceses Jean Baptiste Debret (1768-1848) e Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) são comumente apontados como os pintores mais importantes. Além de ensinar pintura na Academia, Debret publicou uma extensa obra de aquarelas e desenhos que traçava um panorama da sociedade brasileira daqueles tempos, investigando seus variados tipos étnicos e sociais. Taunay, por sua vez, realizou numerosas pinturas de relevantes paisagens e cenas históricas do país.

Na segunda metade do século XIX, alguns estudantes da Academia começam a se destacar, como é o caso dos pintores Vitor Meireles (1832-1903), Pedro Américo (1843-1905), Almeida Júnior (1850-1899) e Eliseu Visconti (1866-1944). Como era comum entre os artistas de destaque naquele período, eles viajam à Europa para aperfeiçoar seus estudos de arte.



A virada do século

Já no continente europeu, o Impressionismo causa um grande impacto sobre a obra desses artistas, e cada um – a seu modo e a seu tempo – começa a demonstrar no próprio trabalho as influências da arte moderna.

Segundo a crítica de arte Aracy Amaral, foi Almeida Júnior, com suas pinturas da fase caipira, o primeiro a trazer uma preocupação com o espírito local, traduzindo em sua obra a influência da terra e utilizando nela tons berrantes que seriam retomados na Semana de 22.

Eliseu Visconti foi outro nome importante na virada do século XIX para o XX, defendendo um perfil mais moderno na Academia e abrindo caminho para o surgimento do modernismo no Brasil.

Outros nomes importantes nessa virada de século são os artistas Artur Timóteo da Costa (1882-1922), que inaugura o tema do trabalho industrial e retrata a vida difícil do operariado, e Nair de Tefé (1886-1981), artista de vanguarda, também pianista, caricaturista e primeira dama do Brasil entre 1913 e 1914, cujos trabalhos se voltam aos costumes da elite carioca.



Início do Século XX

Assim como Almeida Júnior e Eliseu Visconti, muitos outros artistas brasileiros retornam ao país nas primeiras décadas do século XX, trazendo na bagagem influências das vanguardas modernistas europeias e de seus múltiplos desenvolvimentos estéticos.

Nomes como o lituano Lasar Segall (1891-1957) e a brasileira Anita Malfatti (1896-1964), por exemplo, realizam logo na primeira década do mesmo século algumas exposições emblemáticas. Entre os temas retratados, causam impacto cenas e paisagens brasileiras, assim como o uso de cores fortes e de linhas tortuosas.

Naquele contexto, obras como “A boba” e “O homem amarelo”, ambas de Anita Malfatti, geram desconforto no público especializado e também uma forte crítica negativa de Monteiro Lobato (1882-1948) – emblemático nome da cultura brasileira naquele contexto. A calorosa repercussão de seus trabalhos acaba por reunir diversos nomes, entre amigos e colegas – juntos, eles se organizam para renovar a linguagem artística brasileira.

E aí está lançada a semente da Semana de Arte Moderna de 1922!



A Semana de 22

De 11 a 18 de fevereiro de 1922, ano do centenário da independência do Brasil, ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo a Semana de Arte Moderna.

Foi na cidade paulista, fortalecida pela economia cafeeira em crescimento e pela chegada de uma nova burguesia, que jovens artistas se uniram na organização de um grande evento. Reunindo concertos, leituras de poemas, debates e uma exposição de arte, a Semana de 22 escreveu na história da arte brasileira nomes ligados a diferentes linguagens artísticas: os pintores Di Cavalcanti (1887-1976), Victor Brecheret (1894-1955), Anita Malfatti (1896-1964), Vicente do Rego Monteiro (1899-1970) e Oswald Goeldi (1895-1961), os escritores Oswald de Andrade

(1890-1954), Mário de Andrade (1893-1945) e Graça Aranha (1868-1931) e o jovem músico Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

Unidos pelo desejo de se libertar de formas clássicas e necessariamente realistas de criar, esses jovens pensavam nas possibilidades de explorar temas, personagens e o cotidiano do país.

Posicionando-se contra o “passadismo”, alguns concertos e debates dividiram o público, gerando vaias e aplausos. Segundo a professora Maria Eugenia Boaventura, “esta barulhenta comemoração, na pior das hipóteses, impulsionou o ressurgimento, naquele momento, em São Paulo, de uma prodigiosa vida intelectual, que mais tarde se espalharia pelo país”.

Grupos, experiências e manifestos

Após a Semana de 22, no mês de junho, retorna de Paris a artista Tarsila do Amaral (1886-1973), que junta-se à amiga Anita Malfatti e aos escritores Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia (1892-1988), formando um coletivo intitulado Grupo dos Cinco.

Em viagens pelo Brasil, Tarsila e Oswald exploram as paisagens brasileiras e sua diversidade, experiência que o escritor desdobra em um importante texto de sua obra: o Manifesto Pau-Brasil, de 1924.

Em 1928, inspirado pela tela “O Abaporu”, de Tarsila, Oswald escreve o Manifesto Antropofágico. As ideias de canibalismo e da antropofagia (de antropófago, o “que come carne humana”) servem de metáfora para o ato de comer diferentes influências de outras culturas, metabolizar essas culturas juntamente às raízes brasileiras e transformar essa experiência em algo genuinamente nacional, sem cair nas antigas relações de modelo e cópia, bastante presentes durante o período colonial e o predomínio da arte brasileira acadêmica.



Entre o Moderno e o Contemporâneo

Conforme conta a curadora Tereza de Arruda, entre a Semana de 22 e o início dos anos 1970 ocorre uma confirmação dos ideais do movimento modernista, que a partir daí começam a ser reformulados e contestados.

Depois da década de 1930, formam-se diferentes grupos entre artistas dispostos a discutir o papel social do próprio trabalho: a Sociedade Pró Arte Moderna (SPAM), o Clube dos Artistas Modernos (CAM) e o grupo Santa Helena são alguns expoentes desse movimento. E para além dos nomes já citados, também artistas como Flávio de Carvalho (1899-1973), Candido Portinari (1903-1962) e Alfredo Volpi (1896-1988) se destacam no desenvolvimento do modernismo.

Após a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil se encontrava envolto em um período promissor de desenvolvimento, chamado de “milagre econômico”, a capital do Brasil se muda para Brasília. Inaugurada em 1960, a cidade traz em sua concepção, idealização e realização aspectos e valores que refletem o desenvolvimento do modernismo no Brasil. Tanto na estruturação da cidade quanto no advento do movimento há espaço para uma celebrada utopia inicial.



Poesia concreta, museus modernos, construtivismo

Neste contexto, começa a ser desenvolvida pelos poetas Décio Pignatari (1927-2012), Haroldo de Campos (1929-2003) e Augusto de Campos (1931) a poesia concreta: uma nova forma de comunicação poética. Nela, o verso tradicional dá lugar a uma construção que explora também o som, a imagem, o sentido e, principalmente, o desenho e a disposição das letras nas páginas.

Também nas décadas de 1950 e 1960 são inaugurados o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP) e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM RJ), além de ser realizada a edição inaugural da Bienal Internacional de São Paulo – em 1962. É após essa primeira edição, aliás, que muitos artistas do país tomam contato com os conceitos da arte abstrata e iniciam sua experimentação nesse campo artístico.

Na visão da historiadora Katia Canton, esses artistas buscam uma arte que substitua a expressão emocional pela noção de pensamento, ou seja, de construção mental. Chamados de construtivos, esses artistas foram mais tarde divididos entre concretos e neoconcretos, remetendo, respectivamente, às origens dos primeiros representantes do movimento: as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.



Participação, crítica, ousadia

Expoentes do construtivismo brasileiro, artistas como Lygia Clark (1920-1988), Hélio Oiticica (1937-1980) e Lygia Pape (1927-2004) inovam ao criar proposições que solicitam a participação efetiva do espectador para a ativação da obra, o que passa, em muitos casos, a determinar uma maior proximidade entre arte e vida.

No cenário pós-moderno, essa proximidade aumenta cada vez mais: rompendo com as distinções entre os suportes tradicionais da arte, muitos artistas passam a questionar linguagens e a inventar seus próprios procedimentos, dando origem às instalações, às performances e aos *happenings*, entre outras estratégias essencialmente contemporâneas. Nesses trabalhos, as obras se misturam com o corpo, a arquitetura, a tecnologia e também outras áreas do conhecimento.

Na década de 1960, muitos artistas passam a defender uma arte popular, ou simplesmente pop, que se comunique diretamente com o público por meio de uma forte ligação com a cultura de massa e a vida cotidiana. Além disso, frente a um contexto social e cultural marcado pela Ditadura Militar (1964-1985), arte e política frequentemente se misturam ao longo das décadas de 1960 e 1970.

Mais adiante, sobretudo a partir dos anos 1980, os artistas conceituais passam a enfatizar o conceito das obras, ou ainda, a atitude mental do artista – em detrimento da mera aparência da obra. A execução dos trabalhos passa, portanto, a ser menos importante do que as ideias – retomando uma questão levantada pelos *ready-mades* de Marcel Duchamp ainda no início do século 20.

Arte

Contemporânea

Em linhas bastante gerais, podemos dizer que a arte contemporânea atua para além das matérias-primas em si. No contexto contemporâneo, as linguagens tradicionais são desafiadas, e o campo de criação se amplia.

Diante da possibilidade de usar diferentes materiais, procedimentos e estratégias, cada artista se torna um pesquisador dos assuntos da vida, dos objetos e imagens que nos rodeiam, dos processos de vida a que nos submetemos ou somos submetidos.

Frequentemente, criadores e criadoras dialogam com campos tão diversos que correm até mesmo o risco de se distanciar do que normalmente é considerado “artístico”. Em meio a um campo tão amplo, o que não faltam são desafios para os artistas e para o público.

O artista contemporâneo, portanto, é um negociador entre a arte e a vida. Nessas negociações, muitas vezes dadas a partir da combinação entre diferentes linguagens, são cada vez mais repensadas as formas hegemônicas de percepção e construção de histórias.

Nos dias de hoje, quando um artista decide investigar determinado cenário, é comum que se aprofunde no assunto e construa, a partir daí, um mundo próprio. Jogando com o desconhecido e com o infinito, cada artista nos entrega seu trabalho como quem nos dá um presente. E esse presente, por sua vez, pode ser um risco, um problema e até mesmo uma dúvida.





Dicas de leitura

Viagem pela Arte Brasileira

de Alberto Beuttenmüller
(Editora Aquariana)

Modernismo brasileiro antes da Semana de Arte Moderna (ep. 3)

de Arte que acontece
(Podcast)

22 por 22 - A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos

de Maria Eugenia Boaventura (org.)
(Edusp)

Do Moderno ao Contemporâneo

de Katia Canton
(Editora Martins Fontes)

Retrato da Arte Moderna – uma história no Brasil e mundo ocidental

de Katia Canton
(Martins Fontes)

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro CEP 20041-001 – Rio de Janeiro (RJ)

Informações (21) 3808-2070 | (21) 3808-2254

Nos termos da Portaria 3.083, de 25/09/2013, do Ministério da Justiça, informamos que o Alvará de funcionamento deste CCBB tem N° 489095, de 03/01/2003 sem vencimento.

ccbb.com.br | ccbbeducativo.com

[f/ccbb.rj](https://www.facebook.com/ccbb.rj) [t/@ccbb_rj](https://twitter.com/ccbb_rj) [i/@ccbbrij](https://www.instagram.com/ccbbrij)

L Livre para todos os públicos

Centro de Atendimento BB

4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC

0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800 729 0088

Ouvidoria

0800 729 5678

Programa CCBB Educativo

Arte & Educação:

Coordenação Geral/Artística

Francisca Caporali

Samantha Moreira

Coordenação de Programação

Mateus Mesquita

Coordenação Pedagógica, Acesso e

Participação

Valquíria Prates

Coordenação de Comunicação

Sarah Matos

Coordenação de Design

Gabriel Figueiredo

Design

Marcio Gabrich

Assistente de Design

Artur Souza

Coordenação Editorial

Daniel Toledo

Produção Executiva

Alexandra Duarte

Assistente de Produção

Camila Santos

Assistente Financeiro

Gustavo Carvalho

Francescole Oliveira

Assistente de Departamento

Pessoal

Eduardo Pereira

Estágio Administrativo

João Delgado

Coordenação Pedagógica

Cauê Donato (SP)

João Andrade (BH)

Pompea Tavares (RJ)

Tatiana Duarte (DF)

Educadores

Ana Luísa Nunes (SP)

Geancarlos Barbosa (RJ)

Giovanni Fernandes (SP)

Janine Magalhães (RJ)

Jéssica Cruz (BH)

Julya Primo (DF)

Lucas Sertifa (DF)

Milton Lira (BH)

Pedro Ton (BH)

Phelipe Rezende (RJ)

Tiago Cruz (DF)

Valéria Chagas (SP)

Assessoria Jurídica

Oliveira Lima S.I. Advocacia

Assessoria de Imprensa

A Dois Comunicação (RJ)

Agência Fervo (SP)

Conteúdo Comunicação (DF)

Doizum Comunicações (BH)

Convite à Brasilidade

Ana Helena Grimaldi

Daniel Toledo

João Paulo Andrade

Pompea Tavares



Educativo



Exposição



Patrocínio



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

